

ELIAS, Norbert (1995). *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Volume 1. São Paulo: Jorge Zahar.

Passagens do item IV (Do comportamento à mesa) do capítulo 2 (A civilização como transformação do comportamento humano).

Ao fim do século XVIII, pouco antes da revolução, a classe alta francesa adotou mais ou menos o padrão à mesa [...] que aos poucos seria considerado natural por toda a sociedade civilizada [...]. Nosso ritual diário [civilizado] se formou e [...] se constata sua infiltração na classe média, na classe operária e no campesinato [...]. A regulação dos impulsos que sua aquisição requer varia muito em força. Mas a base essencial do que é obrigatório e do que é proibido na sociedade civilizada (o padrão da técnica de comer, a maneira de usar faca, garfo, colher, prato individual, guardanapo e outros utensílios) permanece imutável em seus aspectos centrais. Até mesmo o surgimento da tecnologia em todas as áreas – inclusive na cozinha – com a introdução de novas formas de energia, deixou virtualmente inalteradas as técnicas à mesa e outras formas de comportamento. Só com uma verificação muito minuciosa é que observamos uma tendência que continua a desenvolver-se. O que muda ainda, acima de tudo, é a tecnologia da produção. Já a tecnologia do consumo foi desenvolvida por formações sociais que eram, em um grau nunca igualado antes, classes de consumo [...].

Até mesmo as formas dos utensílios da mesa (pratos, travessas, faca, garfos e colheres) nada mais fazem do que variar temas do século XVIII e precedentes. Por certo, há ainda muitas mudanças em detalhes. Um exemplo é a diferenciação dos utensílios. Em muitas ocasiões, não só os pratos são trocados depois de cada tipo de comida, mas também os utensílios. Já não basta comer apenas com a faca, garfo e colher, em vez de se usar as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida. Colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne são postas em um dos lados do prato; garfos para *hors d'oeuvre*, peixe e carne no outro. Do lado oposto ao conviva, ficam os garfos, a colher ou a faca (segundo o costume do país) para os doces. Para as sobremesas e frutas, outros implementos são introduzidos. Todos estes utensílios têm forma e funções diferentes. São ora maiores ou menores, quando não mais redondos ou pontudos. Mas, examinando-se bem, nota-se na realidade que não representam nada de novo. Também, são variações do mesmo tema, diferenciações dentro do mesmo padrão. Só em alguns pontos (acima de tudo o uso da faca), começam a aparecer inovações lentas que transcendem o padrão adotado.

Em certo sentido, algo análogo aplica-se ao período que terminou no século XV. Até então (por razões muito diferentes), a técnica padrão à mesa, o conjunto básico do que era socialmente permitido ou proibido [...] permanece relativamente constante em seus aspectos básicos, mesmo que aqui, também, as modas, variações regionais e sociais, flutuações e um lento movimento em direção dada não estivessem inteiramente ausentes.

Nem podem as transições de uma fase a outra serem determinadas com absoluta exatidão. O movimento mais rápido começa tardiamente aqui, mais cedo acolá e, em toda parte, deparamos com pequenas alterações preparatórias. Não obstante, a forma geral da curva é por toda parte mais ou menos a mesma: em primeiro lugar, a fase medieval, com certo clímax no florescimento da sociedade feudal e cortês, assinalada pelo hábito de comer com as mãos. Em seguida, uma

fase de movimento e mudança relativamente rápidos, abrangendo aproximadamente os séculos XVI, XVII e XVIII, na qual a compulsão para uma conduta refinada à mesa pressiona constantemente na mesma direção, de um novo padrão de maneiras à mesa.

Daí em diante, observamos uma fase que permanece dentro do padrão já atingido, embora com um movimento muito lento sempre numa certa direção. O refinamento da conduta diária nunca perde de todo, nem mesmo neste período, sua importância como instrumento de diferenciação social. Mas, desde esta fase, não desempenha o mesmo papel que na fase precedente. Mais do que antes, o dinheiro torna-se a base das disparidades sociais. O que as pessoas concretamente realizam e produzem torna-se mais importante que suas maneiras [...].

As proibições da sociedade medieval, mesmo nas cortes feudais, ainda não impõem quaisquer grandes restrições ao jogo das emoções. Comparado com eras posteriores, o controle social é suave. As maneiras [...] antigas são relaxadas em todos os sentidos da palavra. A pessoa não deve fungar nem estalar os lábios enquanto come. [Não se deve] nem cuspir de um lado a outro da mesa nem assoar-se na toalha (pois é usada para limpar os dedos de gordura) ou nos dedos {pois tocam as travessa de servir comum}. Comer com outras pessoas no mesmo prato ou travessa é aceito como natural. O indivíduo deve apenas evitar cair sobre o prato de servir como se fosse um porco e devolver a comida mastigada à travessa comum.

Muitos destes costumes são mencionados no tratado de Erasmo de Rotterdam<sup>1</sup>. Com mais clareza do que examinando apenas uma ou outra maneira da época, o estudo do movimento como um todo permite observar que tendência segue. Os talheres ainda são em número limitado. O pão fica à esquerda, a faca e o copo à direita. Só. O garfo já é mencionado, embora com função limitada, como instrumento para tirar o alimento de um prato de servir comum. Tal como o lenço, o guardanapo já aparece, ambos ainda (sinal de transição) como guarnições opcionais e não necessárias. Se tem lenço, dizem os preceitos, use-o, em vez dos dedos. Se um guardanapo é fornecido, passe-o pelo ombro esquerdo. Cento e cinquenta anos depois, o guardanapo e o lenço são mais ou menos indispensáveis à vida da corte.

É semelhante a curva seguida por outros hábitos e costumes. Inicialmente, a sopa costuma ser bebida, seja na sopeira comum seja com a concha usada por várias pessoas. Nos escritos cortesões, é prescrito o uso da colher [...], também usada por várias pessoas. Outro passo é mostrado em citação de Calviac<sup>2</sup>, por volta de 1560. Diz que era costume alemão permitir que cada conviva usasse sua própria colher. O passo seguinte é indicado em texto de Antoine de Courtin<sup>3</sup>, datado de 1672. Nessa ocasião, não se toma mais a sopa na sopeira comum, mas derrama-se um pouco no próprio prato, usando-se a própria colher. Mas havia pessoas, somos informados no texto, [...] tão “delicadas” que não queriam tomar a sopa de uma sopeira em que outros haviam mergulhado uma colher já usada. Era, por conseguinte, necessário limpar a colher com o guardanapo antes de colocá-la na sopeira. E algumas pessoas queriam ainda mais: não se devia absolutamente por novamente na sopeira uma colher usada. Devia-se, sim, pedir uma colher limpa para este fim.

---

<sup>1</sup> *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em meninos) de 1530.

<sup>2</sup> *Civilité*, copiado quase servilmente de Erasmo, mas com alguns comentários independentes.

<sup>3</sup> *Nouveau traité de civilité*.

Descrições como essas acima demonstram não só que todo o ritual de viver juntos estava em movimento, mas também que as pessoas se conscientizavam desta mudança. Neste tempo, gradualmente, o costume, ora aceito como natural, de tomar sopa está sendo estabelecido: todos devem ter seu próprio prato e colher, com a sopa sendo servida com um implemento especializado. O ato de comer adquirira um novo estilo, correspondendo às novas demandas da vida social.

Nada nas maneiras à mesa é evidente por si mesmo ou produto, por assim dizer, de um sentimento “natural” de delicadeza. A colher, garfo e guardanapo não foram inventados como utensílios técnicos com finalidades óbvias e instruções claras de uso. No decorrer dos séculos, na relação social e no emprego direto, suas funções foram gradualmente sendo definidas, suas formas investigadas e consolidadas. Todos os costumes no ritual em mutação, por mais insignificantes, estabeleceram-se com infinita lentidão, até formas de comportamento que nos parecem elementares ou simplesmente “razoáveis”, tal como o costume de ingerir líquidos apenas com a colher. Todos os movimentos das mãos (como por exemplo a maneira como se segura e movimenta faca, colher e garfo) são padronizados apenas gradualmente. O mecanismo de padronização em sua sequência é percebido se examinarmos como um todo a série de imagens. Há um círculo na corte mais ou menos limitado que inicialmente cria modelos apenas para atender às necessidades de sua própria situação social e em conformidade com a condição psicológica correspondente à mesma. Mas é evidente que a estrutura e desenvolvimento da sociedade francesa como um todo fazem com que estratos cada vez mais amplos se mostrem desejosos, e mesmo sequiosos, de adotar os modelos desenvolvidos em uma classe mais alta: assim se difundem, também com grande lentidão, por toda a sociedade, certamente não sem passarem nesse processo por algumas modificações.

A transmissão dos modelos de uma unidade social a outra, ora do centro de uma sociedade para seus postos fronteiriços (como por exemplo da corte parisiense para outras cortes), ora na mesma unidade político-social como, por exemplo, na França ou Saxônia, de cima para baixo ou o inverso, deve ser considerado, em todo o processo civilizador, como um dos mais importantes dos movimentos individuais. Não apenas as maneiras à mesa, mas também formas de pensar ou falar, em suma, do comportamento em geral, são moldados de maneira semelhante em toda a França, mesmo que se observem diferenças importantes no tempo e estrutura de seus padrões de desenvolvimento. A elaboração de um dado ritual de relações humanas no curso do desenvolvimento social e psicológico não pode ser isolada, mesmo que aqui, como primeira tentativa, tenha sido possível seguir um único segmento. [De fato, este último faz parte] de um processo de mudança social muito mais abrangente.